

Estuprada e abandonada à morte

HEATHER DUGMORE

Ela recobrou a consciência e pensou: se morresse, queria pelo menos ter certeza de que seriam capturados

FOI UM DIA de verão perfeito em Port Elizabeth. Alison* passou a tarde na praia e a noite com amigos, divertindo-se com um jogo de tabuleiro chamado Balderdash. Riram e brincaram muito. O sorriso despreocupado e os brilhantes olhos azuis esverdeados de Alison iluminavam-lhe o rosto.

** Este é seu nome verdadeiro, mas pediu que o sobrenome fosse omitido para proteger sua família.*

Quando a corretora de seguros, então com 27 anos, estacionou seu Renault amarelo em frente ao prédio onde morava, era mais de uma hora da manhã do dia 18 de dezembro de 1994. Já estava saindo do carro quando a porta foi escancaradamente aberta. “Chegue para lá”, ordenou um homem ameaçando-a com uma faca.

De péssima aparência, o desconhecido tinha cabelos louros e se-

bosos, e vestia camiseta e calça de moletom pretas. Amedrontada pelos frios olhos azuis do homem, Alison obedeceu e passou para o banco do carona. Quando se sentou atrás do volante, o homem escondeu a faca e seus modos tornaram-se mais suaves. “Não se preocupe”, disse. “Só quero usar seu carro por uma hora e encontrar o cara que roubou minha televisão e meu videocassete.”

Fingindo estar calma, Alison tentou argumentar com ele. – Estou cansada e quero ir para casa. Por que você não leva o carro e o traz de volta quando terminar?

– Não – respondeu com naturalidade. – Quero que você me faça companhia.

Enquanto dirigia para o centro da cidade, falava como se estivesse tendo uma conversa comum.

– Qual é o seu nome? – perguntou de forma amigável.

– Susan – respondeu, mentindo instintivamente para se proteger. Pensou em saltar do carro, mas tinha medo de se machucar ou de tornar o homem violento. De qualquer modo, as ruas estavam vazias e não haveria ninguém para ajudá-la.

Foram direto para uma parte da cidade notória pela violência de gangues, cheia de boates de péssima aparência. Havia muitas pessoas na calçada, mas, para Alison, pareciam mais ameaçadoras que o estranho ao seu lado. De repente, um homem baixo e forte, com cabelo bem curto, entrou no carro, sentando-se no banco de trás. Alison percebeu que ele também estava todo vestido de preto.

– Queria que você conhecesse minha amiga Susan – falou, com cordialidade, o seqüestrador de Alison. O recém-chegado acenou com a cabeça cumprimentando-a, mas seu semblante refletia frieza. Discutindo as supostas mercadorias roubadas, seguiram em direção ao norte, para uma área chamada Overbaakens. Desesperada, Alison queria acreditar na história deles, mas quando se dirigiram para o sul, por uma estrada litorânea bem estreita, soube que estava em perigo.

O homem guiando era Frans Du Toit. Casado, 26 anos, com um filho de 2 anos. Isso não o impediu de envolver-se em uma série de crimes sexuais. Apenas dez meses antes, raptou uma estudante de 19 anos. Quando a estuproou, ameaçou matar seus amigos se ela denunciasse o ocorrido. Preso pouco depois, foi libertado mediante pagamento de fiança.

Apesar do julgamento iminente, juntou-se a Theuns Kruger, de 19 anos, em 4 de dezembro, e interceptou uma jovem mãe de 21 anos, quando voltava de um restaurante. Cruelmente, ignoraram o fato de ela estar grávida e revezaram-se no estupro. Depois, avisaram-na de que a matariam e também a seu filho se os denunciasse.

Foram presos horas após o crime, mas o promotor não conhecia a ficha de Toit, e no dia seguinte os dois foram libertados após pagamento de fiança.

Livres para atacar outra vez, Alison foi a vítima escolhida. Em uma área isolada de Noordhoek – uma parte perigosa do litoral, freqüentada por pessoas repugnantes – pegaram um es-

treito caminho de areia. Du Toit parou o veículo a cerca de 70 metros no meio do matagal, e pediu educadamente a Alison para ajudá-lo a apagar os faróis. Ela mostrou-lhe o botão, e perguntou:

– E agora?

– Agora um pouco de sexo – Du Toit respondeu com indiferença, orientando-a a tirar a roupa. – Você vai lutar?

– Não – respondeu, o mais calma possível. Sob a luz da lua, Alison não conseguia ver bem suas feições. Tinha certeza de que, se deixasse transpare-

– Não acredito em você – disse impassível.

Alison estremeceu. O que eles fariam agora?

NO SHARK ROCK PIER, a sete quilômetros da estrada, Tiaan Eilerd, estudante de 20 anos de Kempton Park, comemorava em uma danceteria a última noite de férias de duas semanas.

Eram mais ou menos duas e meia da manhã quando reuniu os amigos e disse: “Vamos embora, pessoal. Temos uma viagem longa amanhã e precisamos dormir um pouco.” O entu-

Ainda estava em choque quando Du Toit colocou as mãos ao redor de seu pescoço e começou a estrangulá-la



cer o medo, poderia detonar uma onda de violência.

Kruger saiu do carro, deixando Du Toit sozinho para estuprar Alison. *É só o meu corpo, não eu*, pensava. Quando Du Toit terminou, chamou Kruger e observou enquanto ele a violentava. Imaginando-se fora daquela situação, Alison sentiu como se estivesse assistindo a uma cena brutal de filme. Depois, Kruger sentou-se na capota do carro e puxou uma grande faca de caça.

Du Toit perguntou a Alison se ela iria até a polícia.

– Não. Não quero que meus pais saibam o que aconteceu.

siasmado grupo de jovens dividiu-se em dois carros e pegou a estrada sul, em direção ao hotel onde estavam hospedados.

KRUGER BRINCAVA com a faca de caça, permitindo que a comprida lâmina brilhasse sob o luar. De repente, Du Toit virou-se para ele e perguntou:

– O que você acha que o velho Nick gostaria que a gente fizesse?

Houve uma longa pausa.

– Ele gostaria que matássemos esta mulher.

Alison percebeu que eles se referiam ao demônio. Ainda estava em

choque quando Du Toit montou nela, colocou as mãos ao redor do seu pescoço e começou a estrangulá-la.

– Por favor, não me mate – suplicou.

– Desculpe-me – Du Toit respondeu, apertando com mais força ainda.

Finalmente perdeu os sentidos. Os homens a arrastaram para fora do carro e jogaram seu corpo nu sobre lixo e cacos de vidro. Kruger perguntou se ela estava morta a Du Toit, que teve um acesso de loucura e a perfurou repetidas vezes no estômago com um estilete.

Quando uma das pernas de Alison começou a tremer, Kruger fez um corte profundo em sua garganta com a faca de caça, dando início a novo frenesi. Juntos cortaram-lhe a garganta várias vezes.

O ataque desumano salvou Alison da sufocação. O estrangulamento fechou sua traquéia, mas agora podia sugar o ar para os pulmões. Ela recobrou a consciência e, sem sentir dor, contou os cortes à medida que eram feitos.

No momento em que a agressão terminou, colocou a mão na garganta e sentiu-a penetrar nos profundos ferimentos. *Não vou dar a eles o prazer de me verem morrer, pensou. Tenho de agüentar até irem embora.*

Enquanto jogavam seus pertences para fora do carro, Alison os ouviu comentar que ninguém sobreviveria a tal experiência. Assim que saíram, escreveu as palavras “Frans” e “Tens” na areia, sua interpretação dos nomes que os ouvira usar. Se morresse, queria pelo menos ter certeza de que seriam capturados. Em seguida, acrescentou: “Te amo, mamãe”.

Quando tinha 10 anos, o casamento de seus pais acabou, e Claire, sua mãe, a criou sozinha desde então. Por isso, queria tanto que a mãe soubesse que pensara nela em seus últimos momentos.

Por um segundo, Alison sentiu que estava olhando de cima para o próprio corpo. Estava – além da dor, além do pânico – invadida por extraordinária sensação de paz. No momento seguinte, encontrava-se de volta a seu corpo, determinada a chegar até a estrada. *Não vou te decepcionar, mamãe.*

Enquanto tentava ajoelhar-se, sentiu os intestinos forçarem os ferimentos do estômago. Conseguiu pegar uma camisa que fora jogada do carro, pressionou-a contra o estômago com uma das mãos, e começou a engatinhar com a ajuda da outra mão. A cabeça tombou para frente, os músculos da cabeça não conseguiam mantê-la ereta. Na noite silenciosa, o único som era o de sua respiração entrecortada.

Alison se arrastou em direção à estrada por aproximadamente 15 metros, antes de cair, perdendo as esperanças de ir além. Deitada no meio do caminho, imaginou como seria horrível para sua mãe se fosse encontrada morta ali. Claire saberia que a filha sobrevivera e sofrera. *Não vou deixar isso acontecer.*

SOMANDO TODAS as forças, conseguiu ficar de pé. Usou uma das mãos para pressionar a blusa contra o estômago e a outra para manter a cabeça levantada e ver para onde ia. O sangue escorria pelo pescoço, misturando-se ao que já encharcara a camisa,

mas o choque entorpecera seu corpo e não sentia dor.

Desmaiou e caiu várias vezes pelos 50 metros que caminhou, porém sempre conseguia levantar-se novamente. Quando chegou à estrada, deitou-se no meio dela, mantendo a mão erguida para que fosse mais fácil ser notada. Prestando muita atenção aos sons à sua volta, torceu para ouvir logo o barulho de um motor. Até então, fizera tudo o que podia para se salvar. Agora, precisava de um bom samaritano.

TIAAN EILERD foi arremessado para frente com a freada brusca. Viu os amigos do automóvel à frente desviarem de algo no meio da estrada. Um deles foi até seu carro. “Tem alguém na estrada”, gritou.

Eilerd saltou do carro e correu até o triste quadro iluminado pelos faróis. Percebeu, de imediato, que a mulher estava terrivelmente ferida. *Não é possível que esteja viva*, pensou. No entanto, verificou que ainda tinha pulso.

“Você foi atropelada?”, perguntou. Ela balançou a cabeça com leveza e Eilerd percebeu, horrorizado, que alguém devia tê-la atacado. Agindo de acordo com os instintos, colocou a mão em seu pescoço para estancar a hemorragia. “Você vai ficar bem”, disse-lhe com tranquilidade. Em seguida, pediu a um amigo

com telefone celular que chamasse a ambulância.

“Você pode me ouvir?”, Eilerd perguntou a Alison. Ela apertou-lhe a mão com suavidade e ele viu que os ferimentos a impediam de falar. Pedindo-lhe que apertasse sua mão uma vez para “sim” e duas vezes para “não”, logo conseguiu descobrir que ela falava inglês, sabia quem eram as pessoas que a atacaram, e que estavam no carro dela.



Na cerimônia do prêmio Rotary, Tiaan Eilerd e Alison renovaram sua amizade especial

Dominada pela exaustão, Alison tentava fechar os olhos, mas Eilerd tinha medo de que ela adormecesse e não acordasse mais. Continuou a falar com ela, encorajando-a a manter-se acordada.

A ambulância demorou muito. Quando finalmente chegou, Eilerd ajudou os paramédicos a colocarem Alison na maca e entrou também, decidido a certificar-se de que ela chega-

ria ao hospital. Alison, em estado de choque, perdera mais da metade do sangue. Precisava ser posta no soro com urgência, porém o assistente hospitalar não conseguia uma veia para inserir a agulha. *Ela não pode morrer agora*, Eilerd pensou. *Não depois de ter chegado até aqui.*

Eilerd estava acostumado com agulhas. Viu diversas vezes as enfermeiras pegarem sua veia durante as crises de asma que o importunaram durante toda a infância. No ano anterior, também teve aulas sobre terapia intravenosa no curso de veterinária. Sem hesitar, tomou o material do paramédico e conseguiu pegar uma veia. Às quatro e meia da manhã, a equipe no Hospital Municipal de Port Elizabeth não escondia o horror em seus rostos, ao ver uma jovem tão próxima da morte. Embora estivesse sendo levada para a sala de operações, Alison, ainda consciente, pôde assinar um formulário de consentimento para a cirurgia e escrever o número do telefone de sua mãe.

O doutor Volodia Angelov, cirurgião torácico búlgaro de 42 anos, que imigrou para a África do Sul alguns anos antes, já vira ferimentos terríveis ao longo de sua carreira, mas a ferocidade do ataque a Alison o apavorou. *Será que podemos salvá-la?*

Pelas quatro horas seguintes, sua concentração esteve inabalável. Começando pela abertura na garganta, o médico costurou a glândula tireóide que fora cortada em duas, incapaz de explicar como Alison não sangrou até a morte pelas grossas veias – da largura de um dedo. As lâminas mortais

não atingiram a laringe e a carótida por questão de milímetros. No abdome, Angelov fechou 25 perfurações no intestino, e duas no útero.

ÀS CINCO DA MANHÃ, Claire acordou ao som do telefone. “A garganta de sua filha foi cortada e ela foi esfaqueada no estômago”, avisou um médico do hospital. “Está sendo operada neste momento.” Continuou explicando que Alison ficaria na mesa de operações por muito tempo e sugeriu que ela aguardasse em casa sua ligação, comunicando o término da cirurgia.

Claire telefonou para uma conhecida, pedindo-lhe que rezasse com ela. Elas entraram em contato com outros amigos e, em pouco tempo, milhares de pessoas em toda a África do Sul rezavam para que Deus guiasse a mão do cirurgião. Quando finalmente ligaram do hospital, Claire correu para encontrar Alison, que estava no CTI, com o rosto coberto por tubos e máscara de oxigênio.

Quando a jovem abriu os olhos, a primeira pessoa que viu foi sua mãe. Claire inclinou-se sobre a filha. Com a voz cheia de amor e alívio disse:

– Olá, meu bebê.

– Oi, mamãe – Alison respondeu com voz muito fraca. A agonia das últimas horas voltou-lhe à mente. – A polícia tem de pegar as pessoas que fizeram isso comigo.

À UMA DA TARDE, um policial chegou com um arquivo de fotos de suspeitos. Alison teve presença de espírito de observar, em detalhes, cada

estuprador. Por isso, de imediato reconheceu Frans Du Toit. Forneceu uma clara descrição de Theuns Kruger, que não constava no arquivo.

Depois do estupro, os criminosos abandonaram o carro de Alison na cidade e foram para a casa de Toit, em Sidwell, subúrbio operário. Desfrutaram animado café da manhã, que Theuns Kruger ajudou a preparar com a faca ensanguentada que cortara a garganta de Alison.

A polícia os encontrou na manhã de segunda-feira. Às 9h, já estavam frente a frente com o investigador de polícia.

– Vocês estão sendo acusados de roubo, rapto e tentativa de homicídio – comunicou-lhes.

– Por tentativa de homicídio? – Du Toit perguntou surpreso.

Quando ouviram que Alison não morreria, ficaram estupefatos.

– Ninguém pode sobreviver a um ataque daqueles! – exclamou Du Toit.

Chocados, contaram toda a história.

Apesar de ter de suportar dores horríveis, Alison sarou com rapidez. Celebrou o Natal com algumas colheres de sopa e sucos, que nessas circunstâncias pareciam mais saborosos do que o peru e o típico bolo de frutas natalino. Em 31 de dezembro, apenas 15 dias após a tragédia, teve alta do hospital.

Agora, tinha de enfrentar outra batalha: o julgamento. Precisaria de toda a coragem para encarar os estu-

pradores no tribunal e certificar-se de que pagariam pelo horrível crime que cometeram.

Em 12 de junho de 1995, Alison estava nervosa no banco da Suprema Corte de Port Elizabeth. A feia cicatriz vermelha no pescoço era bem visível. Pelas oito semanas seguintes, reviveu cada detalhe do estupro e agressão. Declarado culpado, Du Toit foi condenado à prisão perpétua, por cada um dos três estupros que cometera. Kruger foi condenado à prisão perpétua pelo estupro de Alison e mais 25 anos por outro estupro que cometera em conjunto com Du Toit. “Eles devem ficar na prisão pelo resto da vida”, o juiz Chris Jansen informou à corte.

Alison baixou a cabeça, aliviada pelo fato de a justiça ter sido feita.

Em outubro do ano passado, Alison e Tiaan Eilerd receberam o prêmio Paul Harris Fellowship da Fundação Rotary; o dela por coragem, o dele por humanidade. Eilerd, agora determinado a ajudar pessoas feridas, está estudando enfermagem.

Alison está processando o governo por negligência, pelo fato de ter permitido que Du Toit e Kruger saíssem da prisão mediante pagamento de fiança.

Em 15 de fevereiro de 1997, Alison, radiante em seu longo vestido branco de crepe italiano, casou-se com Tienie Botha, a quem conheceu e por quem se apaixonou no ano anterior.

DA ATRIZ Sarah Bernardt para uma jovem atriz que dizia não ter medo do palco: “Você vai ver como é, quando tiver algum talento.”

Les mots d'Arletty